Resenha de GARCÍA GUAL, Carlos. *La muerte de los héroes.* Madrid: Turner Publicaciones S.L., 2016. 162p.

Caio Cesar Machado Gomes[*]
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Enviado em: 17/04/2019
Aprovado em: 07/06/2019

Carlos García Gual é uma referência nos estudos sobre a literatura da Antiguidade Clássica. Sendo atualmente professor catedrático de filologia grega na Universidade Complutense de Madrid, o espanhol tem ampla produção com traduções de textos antigos e medievais, o que lhe rendeu alguns prêmios nacionais, além do seu recente ingresso na "*Real Academia Española*". Sua longa trajetória intelectual dá grande peso ao livro que aqui abordaremos e que, mesmo contendo uma série de contribuições, sugere uma tese bastante polêmica àqueles que investigam a antiga poesia grega.

Em *La muerte de los héroes*, García Gual analisa as narrativas sobre as mortes de 25 heróis gregos, classificando-os em três grupos: "heróis míticos" (os mais antigos semideuses, como Héracles, Jasão e Teseu), "heróis homéricos" (aqueles relativos à Ilíada e à Odisseia) e "heroínas trágicas" (Clitemnestra, Cassandra e Antígona). Por meio de cada um dos personagens selecionados, o autor defende a ideia de que não há o que se chama de "bela morte" em suas trajetórias.

Essa categoria, traduzida do grego antigo *kalos thanatos*[1], adquiriu grande fama a partir das publicações do historiador e antropólogo Jean-Pierre Vernant[2]. Debruçando-se sobre as epopeias de Homero, o estudioso afirma que se pode encontrar ali uma espécie de "ideologia heróica". Nesse sentido, do denominado período Homérico até o início da Época Arcaica, o mundo grego havia sido marcado por uma idealização da morte, na qual o modelo a

---

[*] Mestre em História pelo PPGH UNIOESTE.

[1] Para a transliteração das palavras gregas, sem acentos ou distinção entre "longas" e "breves", sigo o modelo proposto em: NORMAS, N. "Novas normas de transliteração". In: *Archai*: *The Origins of Western Thought*, n. 12, 2014, p. 193.

[2] VERNANT, J.-P. A bela morte e o cadáver ultrajado. *Revista Discurso*, São Paulo, n. 9, 1978, p. 31-62.
_____. "La bella muerte y el cadáver ultrajado". In: *El individuo, la muerte y el amor en la Antigua Grecia*. Barcelona, Buenos Aires: Ediciones Paidós, S.A., 2001, p. 45-80.
_____. "A morte heróica entre os gregos". In: _____; FUNARI, P. P. A.; HINGLEY, R. *Repensando o mundo antigo*. 2. ed. rev. ampl. Campinas: IFCH/Unicamp, 2005, p. 73-86.

ser seguido era o do jovem e belo guerreiro, bravo em combate, que, após a realização de feitos heróicos contra o inimigo, fenecia na guerra e garantia a si a glória eterna por meio de monumentos fúnebres e, principalmente, pelo canto dos *aedos*.

Indicando a excepcionalidade do *kalos thanatos* à maneira vernantiana, García Gual demonstra em seu livro o elevado número de mortes dolorosas, inesperadas e indignas que, diferente dessa imagem gloriosa do guerreiro morto pela lança ou pela espada do inimigo, proliferam na poesia grega. Em vez de belas imagens, as mortes dos heróis seriam, então, exemplares da submissão da vida de homens e mulheres às imprevisibilidades do destino: "Exceto em alguma curiosa lenda, a morte não é nenhum prêmio; é o destino fatal da efêmera condição humana" (p. 12)[3]. Para tornar essa argumentação mais clara, citarei os últimos momentos de alguns personagens por ele abordados.

O lendário assassino do Minotauro e libertador dos atenienses, Teseu, por exemplo, teria sido jogado ao mar na ilha de Ésciro. O herói, após ser exilado de Atenas por conflitos políticos, teria se dirigido aos domínios do rei Licômedes, pedindo-lhe asilo, ao passo que, por medo das possíveis consequências de acolhê-lo, o monarca ordenou que dessem cabo de sua vida. Tudo isso justamente após ter conquistado a façanha de vencer um bandido chamado Ésciron, em Trezena, arremessando seu corpo ao mar (p. 54-59).

Já Agamenon, comandante das tropas aqueias (junto a seu irmão Menelau) na Guerra de Troia, teve um fim ainda mais sangrento, o que García Gual denomina uma "tristíssima morte". Antes mesmo do início da guerra, o rei argivo teria sacrificado sua própria filha, Ifigênia, em honra de Ártemis para que a deidade atraísse "bons ventos" para as embarcações em direção a Troia. Após a vitória no conflito, o personagem volta para seu reino em Argos, levando consigo Cassandra como escrava. Em busca de reparação, pela morte da filha e também em função do ciúme do novo concubinato de seu marido, a rainha Clitemnestra (junto a seu amante Egisto) arma uma emboscada traiçoeira: surpreendido na banheira, Agamenon é vítima de um verdadeiro banho de sangue (p. 73-81).

Para demonstrar que mesmo os filhos mais queridos dos deuses olimpianos também tiveram fins nada gloriosos, García Gual recorda a maneira como morreram os dois únicos semideuses que teriam atingido explicitamente (e excepcionalmente) a apoteose: Héracles e Asclépio (p. 16). O segundo, filho de Apolo com a mortal Corônis, foi criado pelo centauro Quíron, formando-se com destaque nas artes da cura. O personagem teria chegado a desenvolver técnicas médicas tão aprimoradas que passou a trazer os mortos de volta à vida.

[3] Tradução livre de "*Excepto en alguna curiosa leyenda, la muerte no es ningún premio; es el destino fatal de la efímera condición humana*".

Devido a isto, Zeus lhe fulminou com seu raio como castigo por romper a *fronteira cósmica* que regia a distinção entre deuses e mortais (p. 40-44).

Enquanto o primeiro, o maior de todos os heróis da mitologia grega, Héracles, filho de Zeus com a mortal Alcmena, teria morrido de maneira ainda mais dolorosa. Ao longo de suas aventuras, matou a flechadas o centauro Nesso que tentara raptar sua esposa Dejanira. Entretanto, o ser mítico (meio homem, meio cavalo) conseguiu ludibriá-la antes de morrer, entregando-lhe uma poção feita com seu próprio sangue, dizendo-lhe que se tratava de uma "magia erótica". Tempos se passaram e, após cumprir os Doze Trabalhos, Héracles voltou a seu lar com a jovem Iole, princesa que havia tomado como escrava durante a devastação da cidade de Ecália, sua última façanha. Temendo a possível preferência do marido pela segunda esposa, Dejanira teceu uma túnica tingido-a no pretenso "filtro mágico" e lhe deu de presente. Ao pôr a vestimenta, o corpo do herói foi envenenado de maneira que o tecido se fundiu de modo irreversível com suas carnes, causando-lhe imensa agonia. Para acabar com sua dor, Héracles se jogou em uma fogueira sobre o monte Eta, sua própria pira funerária (p. 28-31).

Para não dizer que não há evidência alguma de "bela morte" na mitologia grega, García Gual destaca a morte de Heitor, única realização completa na Ilíada, aquela que teria atendido a todos os critérios presentes na categoria construída por Jean-Pierre Vernant: após dizimar inúmeros soldados defendendo sua cidade, o príncipe troiano, no ápice de sua juventude, morre nas mãos de Aquiles, o maior guerreiro grego. A narrativa homérica, aliás, encerra-se com o início dos funerais de Heitor, sinalizando que o personagem teria adquirido tanto monumentos fúnebres como o canto dos *aedos* em função de sua memória gloriosa (p. 110-117).

O próprio Aquiles, protagonista da poesia de Homero, não tem sua morte mencionada na obra. Os registros relativos aos seus últimos momentos são bastante posteriores à época da produção da Ilíada, encontrando-se em textos fragmentários referentes aos séculos III e IV d.C. Nessas versões, Aquiles é retratado sendo atingido por uma flecha de Apolo que, por intermédio das mãos do príncipe troiano Páris, teria lhe acertado o calcanhar: única parte mortal de seu corpo. García Gual sugere que essas narrativas "tardias" podem ter sido baseadas em um poema perdido do antigo "Ciclo troiano", a chamada Etiópida, conforme um resumo presente em textos do intelectual bizantino Proclo (século V d.C.) (p. 81-91). Enfim, nem mesmo o sujeito que constitui o objeto de Homero na Ilíada ("a fúria de Aquiles") teria alcançado as graças do *kalos thanatos*.

La muerte de los héroes é um livro que traz ao menos duas grandes contribuições às investigações histórico-literárias voltadas para esse campo específico. Com sua vasta

experiência na lida com documentos da Antiguidade Clássica, García Gual indica muito precisamente as fontes de onde retira as informações sobre os heróis que trata, dando coerência a mitos cotejados a partir de textos bastante fragmentários (e mesmo de hipóteses sobre obras perdidas) que remetem ao longo período entre os Tempos Homéricos e a Antiguidade Tardia[4]. Além disso, explorando essa *estética macabra*, o autor se faz tributário da principal corrente crítica à "bela morte" vernantiana: dando demasiado foco ao fenecimento dos personagens, o historiador francês não teria desenvolvido suficientemente a análise das façanhas dos guerreiros em vida. Afinal, não seriam seus *feitos épicos* que tornariam possível a glória do herói?[5]

De qualquer maneira, tenho algumas ressalvas em relação à ideia central de García Gual. Em defesa de Vernant, é necessário dizer que em nenhum momento o estudioso sugere que o *kalos thanatos* era algo comumente conquistado pelos heróis da poesia homérica, quanto mais da poesia grega em geral. É justamente a sua ocorrência *excepcional* que nos indica como o "morrer belamente" era uma *idealização* no antigo mundo grego, cuja *realização* só se faria possível a poucos integrantes do (já pequeno) grupo social que detinha a prerrogativa da vida militar, aqueles que se autodenominavam *aristoi*[6]: os supostos descendentes dos deuses do Olimpo.

Mas isso não foi exatamente o que mais me intrigou ao ler *La murte de los héroes*. Jean-Pierre Vernant deixa claro em seus textos que a categoria "bela morte" foi construída por ele como uma apropriação de um conceito antes desenvolvido por Nicole Loraux em sua Tese de Doutoramento. As discussões mais fundamentais sobre a utilidade analítica dessa categoria encontram-se, então, diretamente ligadas ao Exame de Qualificação desta historiadora, no qual Vernant integrou a Banca Avaliadora. A questão é: numa empreita de tamanha envergadura como a produção de García Gual, por que não há referência a essa autora em

---

4 Em sua profunda erudição, García Gual chega a citar obras medievais, como *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, e até mesmo textos contemporâneos, como *Aegisthos. Roman Antique*, romance novelesco de Aloys de Moulin (século XIX).

5 Consoante a essa perspectiva: ASSUNÇÃO, T. R.. "Nota crítica à *bela morte* vernantiana". In: *Revista Clássica*, São Paulo, v. 7/8, 1994/1995, pp. 56-62.
SOUSA, R. C. de; SILVA, B. M. da. *A bela morte e o belo morto*: duas visões acerca da morte em Homero. Rio de Janeiro: LHIA, 2012. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31303546/BELAMORTEBELOMORTO_DOC.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1536043008&Signature=bw%2BISstKdbotN55bFM%2BeFPl1KXs%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_bela_morte_e_o_belo_morto_duas_visoes.pdf>. Acesso em: 04 de setembro de 2018.

6 Literalmente, os "melhores", também se autointitulavam *eupatrides* ("bem nascidos") ou *kalokagathoi* ("belos e bons").

nenhum momento? As críticas de Loraux a Vernant, inclusive, confluem em alguns pontos com as observações gerais do estudioso espanhol.

No Prefácio da 2ª Edição de sua obra A Invenção de Atenas[7], Loraux aponta sua discordância em relação à noção construída por Vernant em suas publicações. O cerne da argumentação da autora é que a palavra "*kalos*" remeteria mais a aspectos "éticos" e "políticos" que a uma dimensão propriamente "estética" da morte, como a que ocorre nas representações homéricas dos belos guerreiros tombando em combate. Em suma, a "morte heróica" teria mais a ver com a construção da imagem de "belos mortos" que de uma "bela morte" propriamente dita, como seria o caso da "morte cívica": num contexto marcado por um processo de "laicização" das instituições políticas, o verdadeiro *kalos thanatos* seria aquele dos gloriosos soldados (atenienses) dedicando suas vidas à proteção da *polis* – conforme retratado nos chamados *epitaphoi logoi*[8], como a célebre Oração Fúnebre de Péricles[9].

Para finalizar, acredito que um dos maiores problemas da proposta de García Gual seja sua relativa indistinção entre as épocas ao tratar de poemas que remetem tanto aos tempos de Homero quanto à Época Clássica. Produzidas em diferentes períodos e por diversos sujeitos, as histórias desses heróis da Antiguidade, ainda que se refiram a um mesmo material mítico, expressam diferentes motivações, interesses e valores sociais. Mas talvez essa crítica não seja assim tão adequada... Afinal, não é essa uma das principais diferenças entre a Literatura e a História? Os distintos objetivos desses campos de estudo correspondem, respectivamente, a essas aparentes limitações da "liberdade poética" dos literatos e, para os historiadores, aos parâmetros do rigor científico. Cabe sempre a nós a leitura apropriada do conhecimento elaborado por outras disciplinas.

---

7 Livro produzido como adaptação da citada Tese de Doutorado: LORAUX, N. *La invención de Atenas: historia de la oración fúnebre en la "ciudad clásica"*. Tradução de Sara Vassallo. Madrid: Katz Editores, 2012.

8 Em persistente oposição a Vernant, cabe ressaltar o jogo sutil que Loraux estabelece entre os termos da expressão "*logos epitaphios*", diferenciando o "*epitaphios logos*" dos "epitáfios coletivos" de outras épocas e lugares que não a Atenas dos séculos V e IV a.C. Sua definição é como uma via de mão-dupla: o "*logos*" é "*epitaphios*" e o "*epitaphios*" é "*logos*". Em outras palavras, a um só passo, o "discurso" é "fúnebre" e o "elogio fúnebre" estaria estruturado sob a égide daquilo que convencionou-se denominar "racionalismo antropocêntrico" em contraposição ao pensamento "mítico-religioso".

9 *Re-produção* de um discurso supostamente pronunciado pelo líder político de Atenas, presente na obra de Tucídides. A narrativa é um elogio feito em honra da memória dos atenienses mortos no primeiro ano da Guerra do Peloponeso (431-430 a.C.).